

Covid 1-Xi Jinping 0

O protesto que começou contra a política de covid zero transformou-se num apelo inédito à liberdade e à demissão de Xi Jinping. Contra a política de covid zero, os chineses estão fartos.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 30 de novembro de 2022

O protesto saiu à rua e tomou conta das maiores cidades chinesas. Tudo começou a 24 de Novembro em Urumqi, capital da região de Xinjiang. Um fogo que se declarou num bloco de apartamentos matou dez pessoas e feriu, gravemente, outras nove, porque nem os moradores podiam sair, nem os bombeiros podiam entrar. E porquê? Porque o bloco de apartamentos estava selado à ordem das autoridades pela política draconiana de controlo da covid-19. O incidente levantou uma onda de solidariedade com as vítimas e de indignação com o absurdo a que chegou a política de covid zero do Governo chinês. Os protestos reuniram uma federação de transversal de descontentamentos – operários fabris e classes médias, lojistas e estudantes –, assumiu uma escala nacional e um tom marcadamente político, que rapidamente se transformou na maior manifestação de desobediência civil desde o massacre de Tianamen, em 1989.

Os protestos na China são muitos e frequentes, mas têm, normalmente, uma outra característica: são dispersos, limitados nas suas reivindicações – comerciais, ambientais ou outras – e dirigidos contra as autoridades locais, apelando, precisamente, ao poder central em Pequim. Ora, estes protestos, pelo contrário, são de larga escala, unificados no seu propósito, e desafiam, directamente, a política do Governo chinês. Mais, em Xangai e noutras cidades, o protesto que começou contra a política de covid zero transformou-se, rapidamente, num apelo inédito à liberdade e à demissão de Xi Jinping. E percebe-se porquê! Contra a política de covid zero, porque ao fim de quase três anos de confinamentos maciços, disrupção da economia e privação das poucas liberdades de que gozam, os chineses estão fartos. Sobretudo, quando os países vizinhos regressam paulatinamente à normalidade e eles vêem, na televisão, multidões sem máscara nos estádios de futebol do Mundial do Qatar.

É verdade que a política de covid zero teve sucesso inicial. Os confinamentos draconianos, a construção-relâmpago de hospitais e centros de isolamento, a testagem maciça de PCR, o rastreamento intensivo e a vigilância electrónica funcionaram, com eficácia, na contenção da doença, e entre Maio de 2020 e Fevereiro de 2022, a China registou um número de casos e um número de mortes inferiores aos países ocidentais. O sucesso da covid zero foi, logo, instrumentalizado pela propaganda chinesa: no plano interno, apresentado como uma vitória política do regime; no plano internacional, como a superioridade da autocracia chinesa sobre as democracias ocidentais. Mas em 2022 tudo mudou. Mudou a pandemia, com a variante Ómicron, menos letal, mas mais contagiosa. E mudou o combate à pandemia, com a aprovação das vacinas ARNm muito mais eficazes.

O resto do mundo abandonou o confinamento e optou pela vacinação em massa. Foi ganhando imunidade, e a OMS já declarou que o fim da pandemia está próximo. A China, pelo contrário, persistiu na covid zero. Numa política de nacionalismo da vacina, recusou-se a importar as vacinas ocidentais e continuou a ministrar a vacina chinesa, menos eficaz e que oferece menor protecção às mutações do vírus. E mantém o isolamento em massa, pelo que a população não ganhou imunidade. Os resultados estão à vista: enfrenta agora um dos maiores surtos da doença. Com consequências evidentes: na disrupção da economia que, segundo o Governo, era suposta crescer 5,6% este ano e deverá crescer entre 2,8% e 3,2%; e na fadiga social e na restrição das liberdades que a dimensão dos protestos demonstra.

Mas não são menores as consequências políticas e percebe-se, bem, o desafio directo a Xi Jinping. É que Xi politizou a questão da saúde pública e personalizou a luta contra a covid. Declarou guerra à covid e declarou-se a si próprio “comandante-em-chefe da guerra do povo contra a covid”. Isto é, emprestou todo o seu prestígio pessoal e toda a sua autoridade política à estratégia da covid zero. Colheu os louros do sucesso inicial, não pode, agora, fugir aos despojos do fracasso final. Fracasso da narrativa interna da vitória política do protector do povo contra a pandemia e fracasso da narrativa internacional da superioridade da autocracia digital sobre a democracia liberal.

<https://www.publico.pt/2022/11/30/opiniao/opiniao/-covid-1xi-jinping-0-2029629>